

# Sobre a posição estrutural das orações adjuntas à direita

*Maria Lobo*

Universidade Nova de Lisboa

## 1. Classes sintáticas de orações subordinadas adverbiais: diferentes comportamentos

Como tem sido referido por vários autores em trabalhos sobre outras línguas (cf. Quirk et al. 1985; Renzi, Salvi & Cardinaletti 1999; Bosque & Demonte 1999; Haegeman 1984; e.o.), e sobre o português (cf. Berta et al. 1999; Lobo 2001 e 2002), as orações que se podem classificar como subordinadas adverbiais (por não serem argumento do verbo e por admitirem a ocorrência em posição inicial, entre outros factores) formam um grupo heterogéneo do ponto de vista sintáctico. Assim, apenas algumas destas orações podem ocorrer em posição final sem serem precedidas de quebra entoacional, podem estar sob o escopo da negação matriz e sob o escopo de operadores de foco, podem ocorrer em estruturas clivadas, em respostas a interrogativas-Qu, em negativas e interrogativas alternativas, e admitem ser deslocadas com o VP. Designaremos estas orações de adverbiais não periféricas, distinguindo-as das adverbiais periféricas que rejeitam todos estes testes. Esses comportamentos são ilustrados de seguida para as orações causais. As orações introduzidas por *porque* e *por* (+ infinitivo) têm comportamento de adverbiais não periféricas; as orações introduzidas por *visto que*, *já que*, *uma vez que*, e.o. têm comportamentos de adverbiais periféricas:

- (1) a. Por ser já muito tarde, o Zé foi-se deitar.  
b. Visto que era já muito tarde, o Zé foi-se deitar.  
a'. O Zé foi-se deitar por ser já muito tarde.  
b'. O Zé foi-se deitar \*(||) visto que era já muito tarde.
- (2) a. O Zé não se foi deitar por ser muito tarde.  
b. \*O Zé não se foi deitar, visto que era muito tarde.
- (3) a. O Zé só se foi deitar por ser muito tarde.  
b. \*O Zé só se foi deitar, visto que era muito tarde.
- (4) a. Foi por ser muito tarde que o Zé se foi deitar.  
b. \*Foi visto que era muito tarde que o Zé se foi deitar.

- (5) a. Por que é que o Zé se foi deitar?/ Por ser muito tarde.  
b. Por que é que o Zé se foi deitar?/ \*Visto que era muito tarde.
- (6) a. O Zé foi-se deitar por ser muito tarde ou por estar com sono?  
b. \*O Zé foi-se deitar visto que era muito tarde ou visto que estava com sono?
- (7) a. O Zé não se foi deitar por ser muito tarde, mas por estar com sono.  
b. \*O Zé não se foi deitar visto que era muito tarde, mas visto que estava com sono.
- (8) a. Ir deitar-se por ser muito tarde, o Zé nunca faria.  
b. \*Ir deitar-se visto que era muito tarde, o Zé nunca faria.

Neste artigo, considerarei apenas as orações adverbiais do primeiro tipo, i.e. as adverbiais não periféricas, que incluem a maioria das orações temporais, a maioria das orações causais com *por(que)*, as orações finais de evento, um subconjunto de orações condicionais e as orações de modo.

Procurarei testar a posição estrutural que estas orações ocupam na frase complexa quando estão em posição final à luz da teoria de princípios e parâmetros (cf. Chomsky 1995, 2001a, 2001b), fazendo uma revisão crítica de várias propostas encontradas na literatura.

## 2. As orações adverbiais não periféricas em posição final

As orações adverbiais não periféricas podem ocorrer em posição final sem serem precedidas de quebra entoacional; podem ocorrer também em posição inicial ou em posição pré-verbal:

- (9) a. Quando o João chegou, o Pedro ainda estava acordado.  
b. O Pedro, quando o João chegou, ainda estava acordado.  
c. O Pedro ainda estava acordado quando o João chegou.

Neste artigo irei considerar apenas as adverbiais não periféricas em posição final.

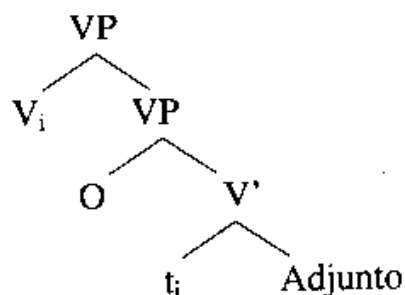
### 2.1. Hipóteses de representação: especificadores, adjuntos, ou complementos

Existem na literatura várias propostas de representação dos adjuntos que ocorrem em posição final: uns defendem que estes são estruturalmente equivalentes a complementos, outros aproximam-nos de especificadores, outros ainda tratam-nos como adjuntos estruturais.

A primeira hipótese, i.e. a análise dos adjuntos finais como complementos do ponto de vista estrutural, é defendida em Larson 1988, 1990; Stroik 1990; Kayne 1994; e.o.

Nesta hipótese, os adjuntos são projectados em posições de complemento de um núcleo verbal:

(10)



A favor desta análise, os autores apresentam os seguintes argumentos empíricos:

i) é possível coordenar sequências formadas por complemento e adjunto, o que, admitindo que só constituintes são coordenáveis, mostraria que objecto e adjunto formam uma unidade (cf. (11)):

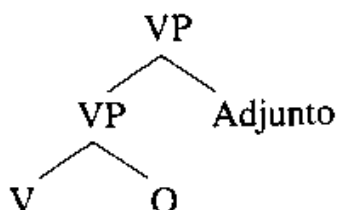
(11) I wrote a letter to Mary in the morning and a note to Max during the afternoon. (cf. Larson 1988)

ii) o adjunto pode ser ligado pelo objecto, o que mostraria que é c-comandado por ele (cf. (12), exemplos de Stroik 1990):

- (12) a. I saw the men<sub>k</sub> somewhere near each other<sub>k</sub> 's homes.  
 b. I saw everyone<sub>k</sub> the day before he<sub>k</sub> died.  
 c. I photographed each man somewhere near the other's home.

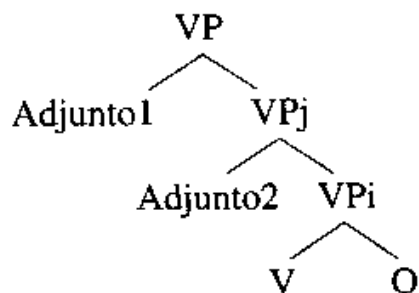
Outras análises tratam os adjuntos finais como sendo estruturalmente adjuntos à direita (i.e. simultaneamente filhos e irmãos de uma categoria do mesmo nível). Esta perspectiva é defendida em Chomsky 1986, 2001b, Williams 1994a e b, Ernst 2000, 2002, Svenonius 2001, e.o, e está representada em (13):

(13)

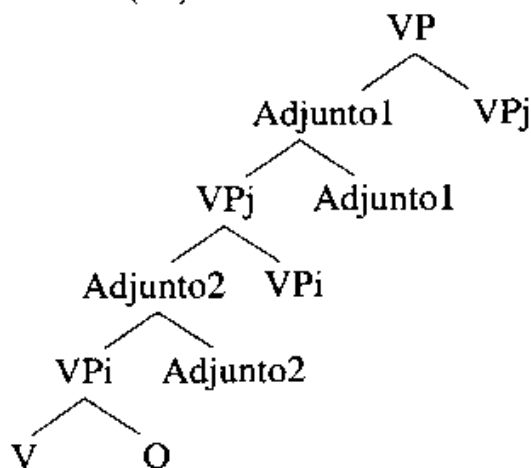


Noutras análises, a hipótese da adjunção é mantida com a diferença de que se admite que na representação de base a adjunção é feita à esquerda (cf. (14)), sendo a ordem final derivada através de sucessivas intraposições de VP para a esquerda, para a posição de especificador do adjunto (cf. (15)). Entre os defensores desta proposta encontram-se Barbiers 1995 e ainda Costa 1998 para os advérbios:

(14)

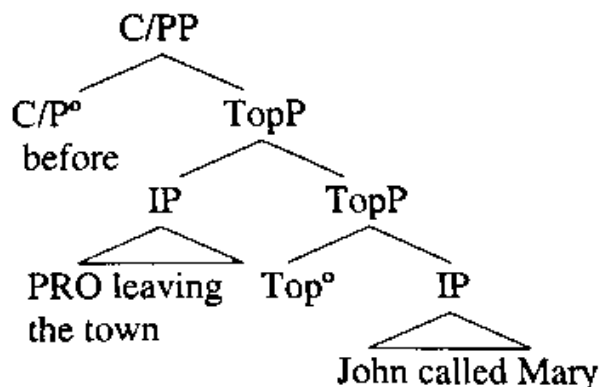


(15)

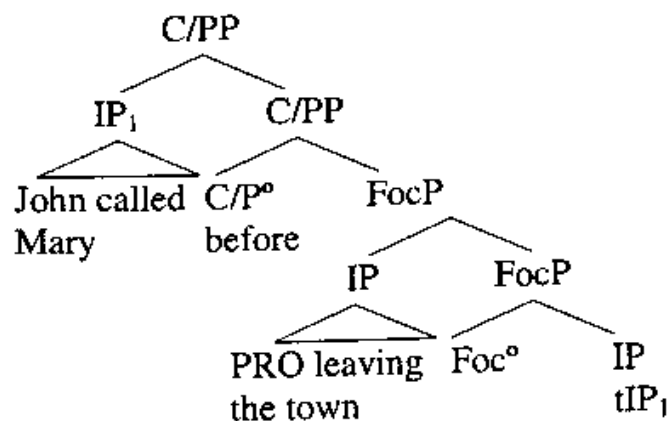


Finalmente, há quem defenda que os adjuntos finais são especificadores. Numa das versões desta hipótese, admite-se que os adjuntos são especificadores de categorias funcionais altas, sendo a ordem final derivada através de movimento para a esquerda da restante estrutura (cf. Bianchi 2000):

(16)



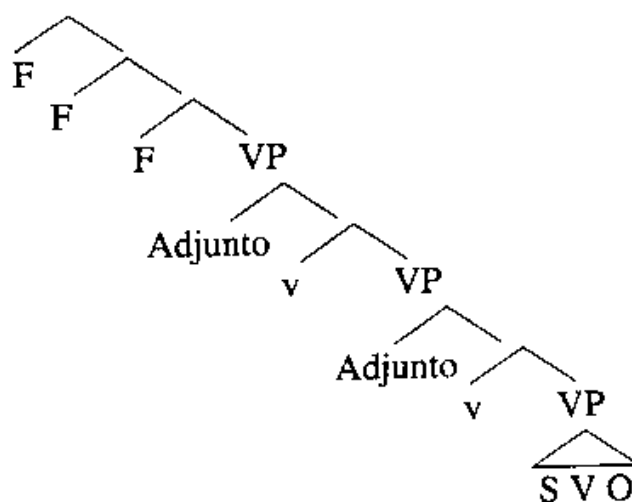
(17)



Noutra versão, assume-se que os adjuntos são especificadores de categorias internas a VP, cuja natureza exacta não é determinada (cf. Cinque 1999; Laenzlinger 2000):

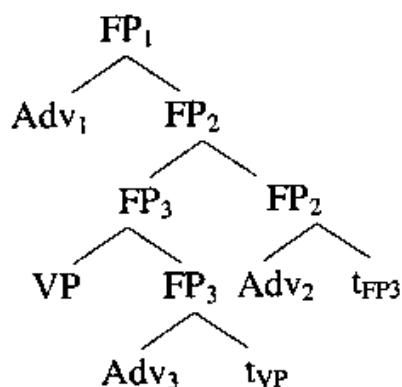
(18)

Cinque 1999

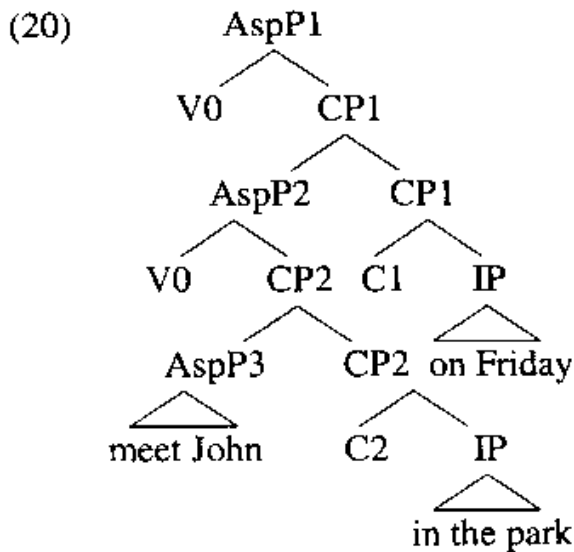


(19)

Laenzlinger 2000



Outra hipótese ainda é a que trata os adjuntos finais como sendo equivalentes a relativas reduzidas, no sentido de Kayne 1994. Nilsen 2000 defende esta hipótese, representada em (20):



Nos pontos seguintes, tentarei comparar as diferentes hipóteses no que diz respeito às orações adverbiais do português, partindo de dados empíricos.

## 2.2. Argumentos a favor de uma posição baixa relativamente ao sujeito e a fenómenos de escopo (contra Bianchi 2000)

Vários fenómenos mostram que a geração dos adjuntos finais numa posição à esquerda alta, tal como é feito em Bianchi 2000, não é empiricamente adequada.

Entre eles encontram-se factores que envolvem dependências referenciais entre os sujeitos, nomeadamente a possibilidade de um sujeito pronominal na adjunta ser ligado por um sujeito pleno da matriz vs. impossibilidade de um sujeito pleno na adverbial ser ligado por um sujeito pronominal na matriz, o que, admitindo que a relação estrutural de c-comando opera nestes casos, indicará que o sujeito da matriz se encontra numa posição mais alta do que o constituinte adjunto:

- (21) a. o Zé<sub>i</sub> não se foi deitar mais cedo porque [-]<sub>i</sub> estava muito cansado.  
 b. \*[-]<sub>i</sub> não se foi deitar mais cedo porque o Zé<sub>i</sub> estava muito cansado.
- (22) a. o Zé<sub>i</sub> só sorriu quando [-]<sub>i</sub> viu a mãe.  
 b. \*[-]<sub>i</sub> só sorriu quando o Zé<sub>i</sub> viu a mãe.

Argumentam ainda contra uma posição alta para o adjunto final o facto de este poder estar sob o escopo da negação matriz e sob o escopo de operadores de foco, como *só*, facto que foi já referido acima (cf. (2) e (3)).

## 2.3. Argumentos a favor de uma posição alta relativamente ao objecto: assimetrias complementos-adjuntos (contra Larson 1990)

Como vimos, a hipótese que trata os adjuntos como complementos baseia-se essencialmente em dois argumentos: a possibilidade de coordenar sequências

formadas por objecto e adjunto; a possibilidade de haver ligação do adjunto pelo objecto<sup>1</sup> (cf. Larson 1990, Pesetsky 1995, e.o.).

A coordenação de objecto e adjunto é ilustrada em (23):

(23) O Zé tomou [um chá antes de sair de casa] e [um café quando chegou à faculdade].

No entanto, não é claro que os dados da coordenação sejam evidência a favor do estatuto da sequência objecto-adjunto como um constituinte. A possibilidade de coordenar sequências dessa natureza pode ser reinterpretada como sendo o resultado de fenómenos de elipse, característicos das estruturas de coordenação (cf. Jackendoff 1990). Veja-se que é possível coordenar também sequências formadas por sujeito e adjunto, que dificilmente serão tratados como um constituinte só.

[O Zé tomou um chá antes de sair de casa] e [a Ana [-] quando chegou à faculdade].

Assim, (23) seria na realidade um caso de 'gapping', estando o verbo elidido:

(25) [O Zé tomou um chá antes de sair de casa] e [[-] um café quando chegou à faculdade].

Como referido em Jackendoff 1990, Pesetsky 1995, e.o., os dados que vêm dos testes clássicos de constituência argumentam também contra a ideia de que o adjunto é o constituinte mais encaixado dentro de VP, mostrando, pelo contrário que este está numa posição periférica a VP<sup>2</sup>:

- (26) a. Foi a televisão que o Zé ligou quando chegou a casa.  
 b. Foi quando chegou a casa que o Zé ligou a televisão.  
 c. \*Foi a televisão quando chegou a casa que o Zé ligou.

Ainda, tal como referido em Williams 1994, Bianchi 1997, 2000, a possibilidade de um objecto pronominal ser co-referente com o sujeito de uma oração adjunta vs. impossibilidade de este ser co-referente com o sujeito de uma oração completiva mostra que existem assimetrias entre complementos e adjuntos que dificilmente são explicadas na hipótese dos adjuntos como complementos, e que apontam para uma estrutura em que o adjunto não é c-comandado pelo objecto:

<sup>1</sup> O trabalho de Larson 1988 é inspirado em dados inicialmente referidos em Barss & Lasnik 1986.

<sup>2</sup> Vários autores tentaram resolver a contradição entre os dados de testes de constituência e dados de ligação e de coordenação de diferentes formas. Pesetsky 1995 propõe a existência de duas estruturas paralelas com diferentes propriedades: uma estrutura estratificada e uma estrutura em cascata. Phillips 1997 propõe que a derivação procede da esquerda para a direita, reanalizando passo a passo as sequências formadas.

- (27) a. \*Só os<sub>i</sub> preveni de que os meninos<sub>i</sub> cometeram um erro.  
 b. Só os<sub>i</sub> preveni quando os meninos<sub>i</sub> cometeram um erro.  
 c. Só os<sub>i</sub> preveni porque os meninos<sub>i</sub> cometeram um erro.
- (28) a. \*Este médico só lhe<sub>i</sub> contou que o teu pai<sub>i</sub> já estava muito doente.  
 b. Este médico só o<sub>i</sub> tratou quando o teu pai<sub>i</sub> já estava muito doente.  
 c. Este médico só o<sub>i</sub> tratou porque o teu pai<sub>i</sub> já estava muito doente.

Contudo, os fenómenos de ligação são mais complexos do que parece à primeira vista, uma vez que, como refere Bianchi 1997, pode haver evidência contraditória numa mesma frase. Assim, em (29) o pronome objecto da matriz é ligado pelo sujeito da encaixada, mas o possessivo da encaixada é ligado pelo DP quantificado complemento da matriz:

- (29) ?Apresentá-la<sub>i</sub>-ei a cada aluno<sub>j</sub> depois de a Maria<sub>i</sub> ter corrigido o seu<sub>k</sub> teste.

Haveria que estudar melhor os diferentes fenómenos de ligação, de forma a perceber quais deles envolvem exclusivamente c-comando, quais deles são determinados por outros factores.

Finalmente, a interpretação de frases em que ocorrem múltiplos adjuntos finais aponta para uma estrutura em que o adjunto mais à direita é também o adjunto mais alto, uma vez que tem escopo semântico sobre o adjunto à sua esquerda (cf. Andrews 1983; Ernst 1994, 2000, 2002; e.o.):

- (30) a. O Zé ligou a televisão [quando chegou a casa] [para ouvir as notícias].  
 b. O Zé ligou a televisão [para ouvir as notícias] [quando chegou a casa].
- (31) a. O Zé decorou a mesa [como a mãe ensinou] [para agradar aos convidados].  
 b. O Zé decorou a mesa [para agradar aos convidados] [como a mãe ensinou].

Há, contudo, preferências por determinadas ordens em alguns casos – o segundo adjunto tem escopo sobre o primeiro e o inverso dá resultados anómalos. Estas restrições poderão ser explicadas se tivermos em consideração questões de ordem semântica. Veja-se por exemplo que, em geral, a causa tem escopo sobre um evento localizado temporalmente:

- (32) a. O Rui corou quando eu falei com ele porque é envergonhado.  
 b. ??O Rui corou porque é envergonhado quando eu falei com ele.



Outras assimetrias entre complementos e adjuntos foram amplamente estudadas no quadro da regência e da ligação. A possibilidade de haver extracção do interior de um complemento vs. impossibilidade de extrair para fora de um adjunto é um desses fenómenos:

- (33) a. O Zé pediu à Ana \*(para comer a sopa).  
 b. O Zé pegou na colher (para comer a sopa).  
 (34) a. O que é que o Zé pediu à Ana para comer [-]?  
 b. \*O que é que o Zé pegou na colher para comer [-]?  
 (35) a. [Quem] é que o João disse [que a Luisa abraçou [-]]?  
 b. \*[Quem] é que o João sorriu [quando a Luisa abraçou [-]]?  
 (36) a. [A quem]<sub>i</sub> quer o Zé [que o Paulo dê este livro [-]<sub>i</sub>]?  
 b. \*[A quem]<sub>i</sub> quer o Zé convidar a Ana [quando o Paulo telefonar [-]<sub>i</sub>]?

Existem ainda assimetrias entre complementos e adjuntos quanto à possibilidade de estarem sujeitos a extracção longa com ilhas-Qu:

- (37) a. ?[Quem] é que o João não sabe [onde] é que a Luisa recebeu [-] [-]?  
 b. \*[Onde] é que o João não sabe [quem] é que a Luisa recebeu [-] [-]?

Finalmente, a correlação entre a ordem dos complementos e a ordem dos adjuntos relativamente ao verbo interlinguisticamente, que é ilustrada por trabalhos de natureza tipológica, sugere que possa existir adjunção à esquerda ou à direita nas línguas de acordo com propriedades parametrizáveis de selecção de complementos à esquerda ou à direita (cf. Ernst 2002). Assim, na situação não marcada, as línguas OV teriam adjuntos à esquerda; ao passo que as línguas VO teriam adjuntos à direita:

- |               |               |            |          |
|---------------|---------------|------------|----------|
| (38) Hans hat | in der Schule | Hanna      | geküsst. |
|               | Adjunto       | O          | V        |
| (39) O João   | beijou a Ana  | na escola. |          |
|               | V O           | Adjunto    |          |

#### 2.4. Vantagens e problemas de uma análise de adjunção

Fazendo o ponto da situação, verificamos que a análise clássica da adjunção tem a vantagem de dar conta de testes de constituência, de assimetrias entre complementos e adjuntos, do escopo semântico relativo de adjuntos finais, da correlação entre ordem dos adjuntos e complementos relativamente ao V, não precisando de estipular nenhum movimento de VP. Contudo, a hipótese da adjunção apresenta alguns problemas. Do ponto de vista teórico, foi defendido que, para que haja linearização adequada dos constituintes, não é possível admitir adjunção à direita (cf. Kayne 1994). Do ponto de vista empírico, a hipótese da adjunção peca por sobre-geração, sendo necessário introduzir restrições que limitem o processo.

No entanto, as restrições ao processo de adjunção poderão ser explicadas se, na linha de Ernst 2002 e Costa 2002, admitirmos que, para tal, confluem vários factores, entre os quais podem estar: questões de direcionalidade parametrizáveis; distinção entre adjunção a categorias baixas e categorias altas; factores de 'peso'; natureza categorial do adjunto; natureza semântica do adjunto; natureza discursiva do adjunto.

Veja-se a título de exemplo as diferenças de posição entre o Adv *sempre* e as orações adverbiais introduzidas por *sempre que*, em que *sempre* parece manter aproximadamente o mesmo valor semântico:

- (40) a. \*O Rui deita água fria no café sempre.  
 b. O Rui deita água fria no café sempre que está com pressa.
- (41) a. \*Sempre, o Rui deita água fria no café.  
 b. Sempre que está com pressa, o Rui deita água fria no café.
- (42) a. \*O Rui sempre deita água fria no café.  
 b. O Rui, sempre que está com pressa, deita água fria no café.
- (43) a. O Rui fala-me sempre de ti.  
 b. \*O Rui fala-me, sempre que me encontra, de ti.
- (44) a. O Rui muda sempre a fralda ao bebé.  
 b. ?O Rui muda sempre que é preciso a fralda ao bebé.
- (45) a. O Rui deita sempre água fria no café.  
 b. ?O Rui deita, sempre que está com pressa, água fria no café.

### 2.5. A operação *pair-merge*: Chomsky 2001b

Veja-se que apesar das objecções levantadas por vários autores, em Chomsky 2001b, a configuração de adjunção à direita é mantida. Admite-se neste estudo que a adjunção corresponde a uma operação de 'predicate composition', com vista a diversificar as possibilidades expressivas da linguagem, que é dada através de um tipo particular de junção de unidades: *pair-merge*.

Segundo Chomsky 2001b, a adjunção será possivelmente uma operação 'tardia' na derivação, em que o adjunto  $\alpha$  é ligado a  $\beta$  num plano separado, distinto do plano primário, o da estrutura simples.  $\beta$  comporta-se sempre como se estivesse numa estrutura simples formada por *set-merge*. Depois,  $\beta$  é substituído por  $\langle \alpha, \beta \rangle$ , sendo o papel semântico do complexo determinado composicionalmente na componente semântica.

Segundo Chomsky 2001b, o adjunto é sujeito à operação Transferir (que inclui *spell-out*) no mesmo sítio linearmente em que está a categoria à qual se adjunge. O adjunto é soletrado e ordenado linearmente quando a fase é enviada para a componente fonológica. Uma operação *Simplificar* converte a unidade formada por *pair-merge* numa unidade simples apenas quando esta é enviada para a componente fonológica. No entanto, as propriedades do elemento de base, i.e. o elemento que recebe o adjunto, mantêm-se basicamente inalteradas. Assim, um adjunto 'baixo',

depois de *spell-out* ficará sujeito à interpretação nessa posição, contrariamente a um adjunto 'alto'. O adjunto é integrado na estrutura no momento em que a categoria a que se adjungiu é enviada para a componente fonológica. Assim, em princípio, adjunto e adjungido serão sempre soletrados no mesmo momento da derivação, i.e. dentro da mesma fase.

### 3. Conclusões e questões em aberto

Ainda que, por limitações de espaço, não me tenha sido possível tratar de todas as questões que a adjunção coloca, parece-me que a hipótese da adjunção à direita para os adjuntos finais continua a ser a hipótese empiricamente menos problemática. Há, contudo, várias questões que ficam por responder, de entre as quais destaco as seguintes:

- a) em que consiste exactamente a operação *pair-merge*?
- b) como explicar e como restringir as diferentes posições a que é feita a adjunção?
- c) como explicar contrastes entre vários tipos de adjuntos? Por que é que PPs e orações se comportam de formas diferentes em vários contextos?
- d) como explicar os resultados contraditórios de fenómenos de ligação?

Deixo estas questões para outra ocasião.

### Referências

- ALEXIADOU, Artemis & Peter SVENONIUS, eds. (2000) *Adverbs and Adjunction, Linguistics in Potsdam 6*, Universität Potsdam, Potsdam.
- ANDREWS, Avery (1983) 'A Note on the Constituent Structure of Modifiers', *Linguistic Inquiry* 14.4; 695-697.
- BARBIERS, Sjef (1995) *The Syntax of Interpretation*. Diss. doutoramento, Univ. Leiden.
- BARSS, A. & H. LASNIK (1986) 'A Note on Anaphora and Double Objects', *Linguistic Inquiry* 17.2; 347-354.
- BERTA, Tibor, Ildikó SZIJ & Judit TAPAZDI (1999) *A Subordinação Adverbial em Português*, (Giampaolo Salvi, org.), Íbisz, Departamento de Português da Universidade Eötvös Loránd de Budapeste, Budapeste.
- BIANCHI, Valentina (1997) 'On the structural position of time clauses', *Quaderni del Laboratorio di Linguistica* 11, Pisa, Scuola Normale Superiore.
- BIANCHI, Valentina (2000) 'On Time Adverbials', *Italian Journal of Linguistics* 12.1; 77-106.
- BOSQUE, Ignacio & Violeta DEMONTE, orgs. (1999) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*, 3 vols., Espasa, Madrid.
- CHOMSKY, Noam (1986) *Barriers*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (1995) *The Minimalist Program*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (2001a) 'Derivation by Phase', in Michael Kenstowicz, ed. *Ken Hale. A Life in Language*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- CHOMSKY, Noam (2001b) *Beyond Explanatory Adequacy*, ms., MIT.

- CINQUE, Guglielmo (1999) *Adverbs and Functional Heads. A Cross-Linguistic Perspective*, Oxford University Press, New York/Oxford.
- COSTA, João (1998) *Word Order Variation. A constraint-based approach*, Holland Academic Graphics, The Hague.
- COSTA, João (2002) 'A multifactorial approach to adverb placement: assumptions, facts and problems', ms., Univ. Nova de Lisboa.
- ERNST, Thomas (1994) 'M-Command and Precedence', *Linguistic Inquiry* 25.2; 327-335.
- ERNST, Thomas (2000) 'On the Order of Event-Internal Adjuncts', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 33-49.
- ERNST, Thomas (2002) *The Syntax of Adjuncts*, Cambridge Univ. Press, Cambridge.
- HAEGEMAN, Liliane (1984) 'Remarks on Adverbial Clauses and Definite NP-Anaphora', *Linguistic Inquiry* 15.4.; 712-715.
- JACKENDOFF, Ray S. (1990) 'On Larson's Treatment of the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 21.3; 427-456.
- KAYNE, Richard (1994) *The Antisymmetry of Syntax*, MIT Press, Cambridge Mass.
- LAENZLINGER, Christopher (2000) 'More on Adverb Syntax and Phrase Structure', in A. Alexiadou & P. Svenonius, eds.; 103-132.
- LARSON, Richard (1988) 'On the Double Object Construction', *Linguistic Inquiry* 19.3; 335-391.
- LARSON, Richard (1990) 'Double Objects Revisited: Reply to Jackendoff', *Linguistic Inquiry* 21.4; 589-632.
- LOBO, Maria (2001) 'Para uma Sintaxe das Orações Causais do Português', *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Coimbra, Setembro 2000)*, APL, Lisboa; 291-306.
- LOBO, Maria (2002) 'On the structural position of non-peripheral adjunct clauses', *Journal of Portuguese Linguistics* 1; 83-118.
- NILSEN, Øystein (2000) *The Syntax of Circumstantial Adverbials* (Tromsø Studies in Linguistics 21), Novus Press, Oslo.
- PESETSKY, David (1995) *Zero Syntax. Experiencers and Cascades*, The MIT Press, Cambridge Mass.
- PHILLIPS, Colin (1997) 'Merge Right: An Approach to Constituency Conflicts', in Brian Agbayani & Sze-Wing Tang, eds. *The Proceedings of the Fifteenth West Coast Conference on Formal Linguistics*, Stanford Linguistics Association/Center for the Study of Language and Information, Stanford.
- QUIRK, Randolph, Sidney GREENBAUM, Geoffrey LEECH & Jan SVARTVIK (1985) *A Comprehensive Grammar of the English Language*, Longman, London/New York.
- RENZI, Lorenzo, Giampaolo SALVI & Anna CARDINALETTI, orgs. (1991/2001) *Grande Grammatica Italiana di Consultazione*, il Mulino, Bologna (3 vols.).
- STROIK, Thomas (1990) 'Adverbs as V-sisters', *Linguistic Inquiry* 21; 654-661.
- SVENONIUS, Peter (2001) 'Subject Positions and the Placement of Adverbials', in P. Svenonius, ed. (2001) *Subjects, Expletives and the EPP*, Oxford University Press, New York.
- WILLIAMS, Edwin (1994a) 'A reinterpretation of evidence for verb movement in French', in D. Lightfoot & N. Hornstein, eds. *Verb Movement*, Cambridge Univ. Press, Cambridge; 189-205.
- WILLIAMS, Edwin (1994b) *Thematic Structures in Syntax*, The MIT Press, Cambridge Mass.